



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

PRISCILA OLIVEIRA DA SILVA

**RESISTÊNCIA CULTURAL NO MACIÇO DE BATURITÉ:
estudo de caso do *Festival de Jazz e Blues* de Guaramiranga (1999-2015)**

REDENÇÃO-CEARÁ

2015

PRISCILA OLIVEIRA DA SILVA

RESSISTÊNCIA CULTURAL NO MACIÇO DE BATURITÉ:

estudo de caso do Festival de *Jazz* e *Blues* de Guaramiranga (1999-2015)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos.

REDENÇÃO-CEARÁ

2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

Silva, Priscila Oliveira da.

S581r

Resistência cultural no Maciço de Baturité: estudo de caso do festival de jazz e blues de Guaramiranga (1999-2015). / Priscila Oliveira da Silva. – Redenção, 2015.

47 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Jeannett Filomeno Pouchain Ramos.
Inclui Figuras e Referências.

1. Festival de música – Guaramiranga (CE). 2. Jazz – Guaramiranga. 3. Blues – Guaramiranga. I. Título.

CDD 782.42164098131

PRISCILA OLIVEIRA DA SILVA

RESSISTÊNCIA CULTURAL NO MACIÇO DE BATURITÉ:

estudo de caso do Festival de *Jazz* e *Blues* de Guaramiranga (1999-2015)

Monografia submetida ao Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Apresentada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Francisca Rosália Silva Menezes (Examinadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Francisco Vitor Macedo Pereira (Examinador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho com todo amor e gratidão a minha amada e querida mãe, Elenice Oliveira, e ao meu pai, Aldemir Marcolino, assim como a todos os mestres que participaram de minha caminhada de aprendizagem até aqui.

AGRADECIMENTO

Primeiramente ao meu Deus, que me impulsiona a cada dia a sempre lutar pelos meus ideais e que envia diariamente anjos em forma de pessoas de luz, que me auxiliam e me ajudam a continuar nesta jornada com grande entusiasmo e guarnição.

Agradeço a minha mãe, Elenice Oliveira, e ao meu pai, Aldemir Silva, as pessoas mais importantes de minha vida, que sempre me motivaram a perseverar em meus projetos. Agradeço também aos meus irmãos Joice Oliveira, Alonso Oliveira e Leandro Oliveira, os quais acreditam em minha capacidade e em minha perseverança.

Sou grata a este ser de luz, prof^a. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos, que acreditou em mim e me ajudou a enxergar o que eu mesma não via, por me orientar neste trabalho e pelos conselhos os quais me nortearam. Grata!

A meu companheiro Roque Ney Mota, que além de paciência e amor, deu-me todo apoio e segurou minha mão nos momentos mais difíceis.

Aos amigos Ana Márcia e Wagner Lima, por me apoiarem desde o início deste trabalho, e que incentivaram e acalmaram meu coração em momentos de angústias e insegurança.

A todos os professores da UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, por ensinarem e me encaminharem tão bem.

A amiga Raquel Gadelha e Maria Amélia Mamede e Nilde Ferreira, por sua presteza nas visitas de campo, e que foram primordiais para este trabalho.

Aos amigos da AGUA (Associação Amigos da Arte de Guaramiranga), que foram tão gentis ao me acolherem.

Grata aos músicos e produtores culturais do Maciço de Baturité, em especial de Guaramiranga, os quais me receberam tão bem em minhas visitas de campo e demais irmãos que estiveram em minha caminhada.

“A Cultura não pode ser confundida com eventos isolados, que se bastem em si mesmos. Muito menos pode ser reduzida a mero entretenimento ou restrita às Belas Artes ou à ‘alta cultura’, erudita e hermética.” (Célio Turino)

RESUMO

Este trabalho aborda a seara cultural do Maciço de Baturité, em especial na cidade de Guaramiranga, onde têm-se anualmente no interstício do carnaval o “Festival de *Jazz e Blues*”. A cultura é um aspecto importante de compreensão da realidade social (GEERTZ,1989), bem como um meio de resgatar traços históricos e, quando se busca a história e a cultura de um povo, mostra-se ali a história de sua própria vida, traços de pertencimento do meio em que se está inserido, bem como pode despontar processos de resistências. Retratar a cultura e analisa-la é mais complexo de ser caracterizado quando são traços da cultura popular local, ou seja, o pesquisador pertence ao objeto, dando-se uma maior credibilidade aos traços que caracterizam o “local” e retratando uma base coerente de “historicidade”. Indago, então, de que forma o “Festival de *Jazz & Blues* de Guaramiranga” se integra dentro da dinâmica do Município e se há dentro deste evento um sentimento de resistência cultural - essência do estilo “*Jazz e Blues*”, bem como sua importância para além dos dias de festival e para a cultura local, ou seja, nos aspectos não somente econômico-social, mas socioeducativo e cultural. Sendo assim, o estudo em tela tem como objetivo refletir acerca da manifestação cultural no Maciço de Baturité, em especial Guaramiranga, para além de eventos isolados como shows e apresentação teatrais da cidade, mas também de referências históricas, costumes, condutas, desejos e reflexões. A metodologia utilizada nesse trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Como instrumento de coleta de dados foram realizadas 03 (três) entrevistas semiestruturadas com idealizadores e produtores do “Festival de *Jazz e Blues*” e com um associado da Associação Amigos da Arte de Guaramiranga - AGUA, bem como observação participante durante o Festival de 2012/2013/2014. Após análise, destaca-se que o Festival surgiu como uma forma de resistência ao carnaval do litoral cearense, cuja cultura local era do mela-mela e música pernambucana e baiana e a ausência de “outras” alternativas àquele *modus operandi* de carnavais na capital e em outras cidades do Estado. Ao mesmo tempo, percebe-se que a questão de resistência não desponta como a afirmação da cultura afro-americana, possível a partir da escolha do gênero *jazz* e o *blues*, reconhecidamente como a música dos negros.

Palavras-chave: Cultura. *Jazz*. *Blues*.

ABSTRACT

This work addresses the cultural harvest of Baturité Massif, especially in the city of Guaramiranga, which takes place annually in carnival interstitial the "*Jazz and Blues Festival*". Culture is an important aspect of understanding the social reality (Geertz, 1989), as well as a means to rescue historical traces and, when seeking the history and culture of a people, it is shown there the story of his own life, belonging traits of the environment in which it is inserted as well as resistance can emerge processes. Portray the culture and analyzes it is more complex to be characterized when traces of the local popular culture, ie, the researcher belongs to the object, giving greater credibility to features that characterize the "local" and depicting a coherent basis for "historicity". Inquire, then, how the "*Jazz & Blues Festival of Guaramiranga*" is integrated within the dynamics of the Municipality and if there is in this event a feeling of strength - essence of style "*Jazz and Blues*" as well as its importance for addition Days festival and the local culture. Thus, the study screen aims to reflect on the cultural manifestation in the Massif Baturité, especially Guaramiranga, as well as isolated events such as theater shows and performances in the city, but also of historical references, customs, behaviors, desires and reflections . Within this space address issues correlated with this festival, which brought positive for the city in the aspect not only economic and social, but educational and cultural partner Intending to thus understand the before, during and after the festival, seeing their contributions in cultural, educational and economic city. The methodology used in this work is based on the literature and field research. As data collection instrument were held three (03) semi-structured interviews with creators and producers of "*Jazz and Blues Festival*" and an associate of the AGUA (Association Friends of Guaramiranga Art), as well as participant observation during the 2014 festival . After the participant observation and research note that the *Jazz and Blues Festival* has emerged as a common carnival-resistant form of the big city, where only had the mela-mela culture in some isolated areas in the coastal beaches in Indeed the great capital was without cultural options for those who were seeking out this carnival period, thus resulting in the Festival as an alternative to that modus operandi that there was / there and does not realize the question of resistance as a way to establish a culture but rather not to accept only one way / way to experience the carnival where it was

noticed that Guaramiranga has presented itself as an important cultural center and destination of people with an interest in cultural-based tourism. What favored the applicant company planning the *Jazz* and *Blues* Festival (FERREIRA, 2015).

Keywords: Culture. Resistance. *Jazz*. *Blues*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A QUESTÃO CULTURAL NO MACIÇO DE BATURITÉ.....	14
2.1 Educação e cultura em Guaramiranga.....	18
2.2 O negro, a educação e a cultura	20
3 FESTIVAL DE JAZZ E BLUES DE GUARAMIRANGA	27
3.1 Como surge o <i>Jazz e Blues</i>	30
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	34
ANEXO A.....	10
ANEXO B.....	11
APÊNDICE A	12
APÊNDICE B.....	14
APÊNDICE C	17

1 INTRODUÇÃO

Guaramiranga, em 1919, já era um local bem frequentado por turistas de Fortaleza, que iam para a pequena cidade passar o final de semana e feriados e alugavam casas para passar temporadas. Alguns intelectuais da época já frequentavam aquele local, onde se reuniam com pessoas da cidade para dar início a atividades artísticas como programas culturais, teatro amador, conferências e, inclusive, recitais que Raquel de Queiroz retrata em *Um pequeno país verde*.

Em 1992, surge a Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (AGUA), que irá trazer apoio às ações de educação artística cultural. E em 1993 surge o primeiro Festival de Teatro de Guaramiranga, como algo inovador e nunca visto antes: uma rua e dois teatros, frente à estagnação econômica em que a cidade se encontrava.

Com o clima ameno de mata atlântica, as belezas naturais e a vocação cultural, a cidade vai engatinhando para um processo de amadurecimento artístico-cultural, haja vista que, em 1997, apenas 6,5% do orçamento destinado para a cultura eram investidos de fato, e em 1999, 75% dos chefes de família começavam a ganhar um salário mínimo.

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado *Resistência Cultural no Maciço de Baturité: estudo de caso do Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga (1999-2015)*, surge após alguns questionamentos que me nortearam e me instigaram a pesquisar um pouco sobre a origem e motivação de o *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga* ser realizado em uma cidade tão distante da grande capital do Estado do Ceará, e sendo um município com uma população inexpressiva de pouco mais de 4.164 habitantes. Este município detém do menor número de habitantes do chamado Maciço de Baturité.

Durante o percurso acadêmico no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção-Ce, pude compreender a importância da historicidade e memória cultural, tanto no âmbito acadêmico quanto no resgate de histórias e traços que fazem parte de nossa cidade, estado, país e mundo. As relações sociais e históricas estão correlacionadas, e cabe aos estudantes, pesquisadores e professores entender como elas

se dão e surgem, confrontando-as com nossa realidade o que fez parte constantemente de meu processo de enriquecimento educacional neste curso de Humanidades.

Este trabalho tem como intuito resgatar e registrar o desenvolvimento e criação do *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga* em sua base e essência, mostrando as relações e interações multiculturais durante seus ciclos, sempre na época do carnaval, precisamente na cidade de Guaramiranga. Entender como se deu processo de criação do festival é primordial para analisarmos como se deram as interações interculturais naquela cidade (Guaramiranga) - na visão da sociedade local, sobretudo dos artistas que trabalham neste evento direta e indiretamente, assim como de seus idealizadores - daquele “novo” estilo que se instalou de forma mais abrangente dentro da cidade, sendo reconhecido nacionalmente. O trabalho também busca ver o que o festival trouxe de positivo para a cidade no que tange à economia e à cultura local.

Dentro deste trabalho, tem-se como premissa a memória como objeto multifocal, cultural e experiências contidas nesta cidade que fora habitada por várias etnias, as quais foram extintas após a expansão da pecuária no município, no século XIX, surgindo a cidade do “*jazz e blues*”, e onde, no decorrer dos anos, foram-se revelando diferentes formas de expressão, que incluem diferentes traços e visões veiculados nos mais variados suportes midiáticos, espontâneos ou não, na cultura desta cidade.

Faz-se necessário entender e pesquisar como se dá o processo de construção e inserção do festival de *jazz e blues*, bem como as interações sociais com a sociedade local (empresários e política econômica), tentando identificar relações e problemas que porventura possam existir, mas sempre atentando para o resgate da memória e historicidade do festival e tentando entender como se encaixa o estilo *blues e jazz* naquele espaço, enquanto estilos criados a partir de um processo de resistência dos escravizados norte-americanos.

No primeiro capítulo, que tem como título “A questão cultural no Maciço de Baturité: em especial em Guaramiranga”, apresentamos os estilos musicais e culturais, em suas particularidades e historicidade. Nos subtópicos deste capítulo, intitulados “Educação e cultura no Maciço e em Guaramiranga” e “O negro, a educação e a cultura”, veremos alguns conceitos do *jazz* e do *blues* separadamente, para, então, no segundo capítulo, realizar as ligações e cruzamentos para resgatar traços e eventos que outrora não foram notados.

O segundo capítulo, que tem como título “Festival de *Jazz e Blues* de Guaramiranga”, mostramos traços e visões sobre a importância do festival por meio de seus idealizadores e artistas, bem como o impacto social do festival dentro da cidade. O subtópico “Como surge o festival de *Jazz e Blues*” traz o histórico de criação do festival. Finalizo a abordagem analisando as contradições do diálogo intercultural e o processo de construção de resistência no festival.

Ao realizar as devidas pesquisas e resgatar a memória deste festival, mostrar-se-á a importância de trazer à tona a historicidade das relações e interações sociais que se perdem com o passar dos anos, principalmente em se tratar de ser o lugar de pertencimento dessas interações culturais, sociais e interculturais. A pesquisa buscou trazer os aspectos que motivaram mudanças culturais, econômicas e geográficas na cidade do *jazz e blues* e os aspectos que influenciaram a cultura local, analisando como ocorreram essas transformações ao longo dos anos de 1999 a 2015.

Num primeiro momento, a pesquisa aborda aspectos históricos do Maciço de Baturité, buscando compreender um pouco da história daquela região e demonstrar aspectos da educação, arte e cultura, principalmente.

Na segunda parte, descrevo sobre traços e características do estilo *jazz* e do *blues*, mostrando de forma mais abrangente, inicialmente, e concluindo com a parte de maior importância para minha pesquisa, que é o "estilo" musical usado como forma/meio de resistência, tentando encontrar traços deste significado *no Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga*.

Já na terceira e última parte, mostro como ocorreu esse processo de introdução do ritmo "negro norte-americano" no Maciço de Baturité, trazendo a visão de seus idealizadores e de pessoas (estudantes, músicos, artistas, empresários, lideranças políticas) daquela comunidade tomada pelo ritmo improvisado.

Por último, trago as considerações finais e a bibliografia utilizada para a elaboração da pesquisa. A metodologia aplicada partiu da pesquisa de fontes, que serviu como base para compreender os fatos históricos em estudo. Foram feitas visitas à cidade de Guaramiranga, à ONG AGUA (Associação Amigos da Arte de Guaramiranga), à SETUR (Secretaria de Turismo do Ceará) e à Biblioteca Pública de Guaramiranga, bem como foram realizadas entrevistas semiestruturadas.

Para a realização da pesquisa, foram consultadas diversas fontes e documentos: imagens do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), livros,

artigos, revistas, documentários que abordam a temática do *jazz* e *blues* como estilo criado como forma de resistência.

2 A QUESTÃO CULTURAL NO MACIÇO DE BATURITÉ

O Maciço de Baturité é uma formação geológica localizada no sertão central cearense, composta pelos municípios de Pacoti, Guaramiranga, Palmácia, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Baturité, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Guaiúba, Barreira e Ocara).

De acordo com dados embasados em Pesquisas Nacionais, fornecidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 1984), pode-se traçar um pouco do resumo histórico dos índios que habitaram o Maciço de Baturité. Há registro de sua presença nessa região, o que nos leva a compreender como se formaram esses povos e a partir de alguns conflitos começam a cruzar novos caminhos e espaços que outrora não eram habitados.

Por volta de 1712, os jenipapos se digladiaram com os Canindés na bacia do Rio Banabuiú. Um ano após esse fato, essas tribos se uniram com os Jaguaribaras e Anacés, e assaltaram a Vila de Aquiraz, causando a morte de aproximadamente 200 indígenas. Esse fato ficou conhecido como Rebelião de 1713/1715, que quase pôs fim aos brancos no Ceará. Somente em 1721 que as tribos dos Jenipapos. Passados quatro anos, os Anacés e Jaguaribaras, atacados no riacho Aracoiaba, no Maciço de Baturité (MATOS, 2012. p. 52).

Desde o início do século XX, sabe-se que os povos deste espaço estavam ligados à questão do café, que chegou na cidade através de Manoel Felipe Castelo Branco (1824), trazendo do Pará para Baturité as primeiras mudas de café, o que trouxe transformações na atividade econômica e na vida social local.

Na metade do século XIX, Baturité tinha como principal atividade econômica a cultura do café, chegando na época a deter 2% de toda a produção brasileira. Tem-se como importantes traços da cultura do Maciço as *casas de farinha* que existiram em todo a região, que não podia ficar de fora Guaramiranga. Até os anos finais do século XX, mais precisamente nos sítios Conceição, Guaramiranga, Nancy e Casa Branca, que hoje são aglomerados da cidade, produziram muito esse grão.

A Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga surgiu da ideia de alguns amigos e iniciou suas atividades em 1993. Tem em si a intenção do trabalho pelo desenvolvimento artístico da comunidade de Guaramiranga, tendo na arte mais um elemento que se casa ao conjunto de todas as coisas que embelezam essa cidade da arte.

Há a Escola de Música de Guaramiranga, que teve seu início em 1993, onde, conjuntamente com o Governo do Estado (Projeto São José e Secretaria de Cultura do Estado) e a Prefeitura Municipal de Guaramiranga, Telemar e Coelce, implantou a primeira escola de música da região, atendendo a uma média de 100 alunos em seus diferentes cursos (violão, flauta, corais, percussão, banda e marcenaria musical), o que podemos entender como algo muito bom para aqueles jovens que outrora não tinham a oportunidade de se envolver em cursos de instrumentos, como os oferecidos pelos incentivos públicos e privados advindos deste processo de instalação do festival. Oferecer oportunidades educativas com centralidade na arte e promover o desenvolvimento artístico, cultural e humano de crianças e jovens de Guaramiranga, influenciando as políticas públicas para a educação, foi um dos grandes marcos positivos para aquela população.

Anualmente, de setembro a novembro, tem-se o *Festival Letras, Flores e Vinhos*, que é um festival gastronômico e cultural que ocorre no friozinho da serra, reinando música, literatura e flores, o que complementa as atividades culturais no Maciço, que ocorrem na cidade de Guaramiranga e Mulungu.

A cidade de Guaramiranga localiza-se em uma região com as taxas de analfabetismo dentre as menores do Maciço, assim como o Índice de Desenvolvimento de Educação Básica de Guaramiranga, como pode-se ver no quadro abaixo, onde a cidade tem o maior índice de desenvolvimento do maciço de Baturité.

Tabela 1 - IDEB – Índice de Desenvolvimento de Educação Básica do Maciço de Baturité

	1991	2000	2010
Brasil	0,706	0,773	0,699
Ceará	0,597	0,699	0,682
Fortaleza	0,546	0,652	0,754
Acarape	0,349	0,490	0,606(-)
Aracoiaba	0,319	0,451(-)	0,615
Aratuba	0,288	0,453	0,622
Barreira	0,310	0,463	0,616
Baturité	0,368(+)	0,488	0,619
Capistrano	0,277(-)	0,457	0,611
Guaramiranga	0,326	0,500(+)	0,637(+)
Itapiúna	0,318	0,479	0,604
Mulungu	0,342	0,480	0,607
Ocara	0,278(-)	0,434(-)	0,594(-)
Pacoti	0,345	0,484	0,635(+)
Palmácia	0,352(+)	0,497(+)	0,622

Redenção	0,349	0,478	0,626
----------	-------	-------	-------

Fonte: Ramos *et al.*, 2013, p. 30.

A cidade conta com pouco mais de 4.164 habitantes, e tem Produto Interno Bruto superior ao de cidades bem mais populosas, como podemos notar na Tabela 2, fato que se deve ao grande investimento turístico que impulsiona a região a desenvolver-se economicamente. Nos períodos de *Festival de Jazz e Blues*, o PIB a arrecadação de impostos chega a ser maior do que o valor que é acumulado durante todo o ano.

Tabela 2 - Produto Interno Bruto municípios do Maciço de Baturité – 2006/2011

Região do Maciço de Baturité	PIB A PREÇOS DE MERCADO (R\$ MIL)		PIB per capita (R\$ 1,00)	
	2006	2011	2006	2011
Região de Baturité	656.868	1.165.279	2.912	5.021
REDENÇÃO	97.720	140.358	3.667	5.289
GUARAMIRANGA	22.326	33.589	3.705	8.277
PACOTI	36.422	63.566	3.156	5.458
BATURITÉ	96.166	188.505	3.030	5.611
ACARAPE	37.783	**	2.912	5.021
ARACOIABA	70.239	129.707	2.786	5.099
PALMÁCIA	23.335	50.051	2.436	4.113
MULUNGU	29.186	59.483	3.016	5.091
ARATUBA	43.776	65.841	3.201	5.743
ITAPIUNA	43.795	80.935	2.355	4300
CAPISTRANO	41.584	74.833	2.540	4.368

FONTE: RAMOS (*et al.*, 2013, p.30)

**Dados não disponibilizados.

O turismo representa um forte componente da economia do município, graças a atrativos como o clima frio serrano, belas paisagens e eventos acolhidos durante todo o ano, sendo um dos mais importantes o de *Festival de Jazz e Blues*. A cidade conta com um grande número de turistas, os quais visitam a cidade diariamente e nos feriados, sendo um dos pontos fortes da economia, seguido das atividades agrícolas, como a plantação de bananas, milho dentre vários outros fatores. Sendo que a cidade é

visitada também por italianos e alemães, o que de certa forma é ponto um tanto problemático, pois a cidade é pequena e não conta com muito acesso a cursos de língua estrangeira, mostrando deficiência no aspecto de desenvolvimento educacional desta região.

A cidade, após grande visibilidade artístico-cultural nacional e internacional, ganha cursos correlatos a cultura e turismo, como por exemplo: cursos técnicos em Instrumento Musical e Arte Dramática, no eixo de Produção Cultural e Design e os cursos técnicos em Eventos e Guia de Turismo, no eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer, através do Instituto Federal de Educação. Através do projeto de Lei nº 18/12, o Poder Executivo cede pelo período de 10 (dez) anos, ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), o direito de uso do Hotel Escola de Guaramiranga, com o intuito de que o IFCE utilize o espaço para criar um centro de excelência de treinamento nas áreas de turismo e hotelaria, colaborando para o desenvolvimento local de forma sustentável e inclusiva, proporcionando ao povo daquela cidade direito a mão de obra qualificada para atuar na região em ascensão turística e artística-cultural .

Esse foi um grande momento para essa região, pois os institutos federais equiparam-se às universidades federais em termos de funcionamento, de fomento à pesquisa e de prática de ações de extensão, contando, para tanto, com o apoio dos programas ministeriais. Além dessas prerrogativas, os institutos federais foram também dotados de autonomia para gerenciar orçamento de custeio, alterar grade de oferta de cursos, registrar diplomas e certificar competências profissionais. Em contraponto, percebe-se que se esquece de outros cursos de interesse desta população, existindo apenas cursos voltados para atividades turísticas, e nem todos jovens tomam para si essas profissões.

A região do Maciço, para além de Guaramiranga, no aspecto turístico conta com o Mosteiro dos Jesuítas, na cidade Baturité, construção feita toda de pedra. Foi inaugurada em 15 de agosto de 1927, sendo procurada por quem quer total tranquilidade. O local deixou de ser uma escola de formação de Sacerdotes Jesuítas em 1963 e passou a ser espaço turístico e hospedagem.

Conta ainda com um espaço turístico na antiga Estação Ferroviária, o trem "Maria Fumaça", que outrora chegava e partia cheio de sacas de café, nos séculos XIX e XX. Este era um local estratégico para o escoamento da produção cafeeira do interior

para a capital cearense. A estação foi uma das primeiras a serem construídas no Ceará, em 1870. Hoje, o local preserva alguns dos equipamentos daquela época, como o trem "Maria Fumaça", além de conservar a arquitetura do próprio prédio. Na estação, há uma central de artesanato onde os turistas podem adquirir produtos dos artesãos da cidade.

Além do turismo histórico, o Maciço conta com turismo educacional, religioso e ecológico, sendo este último o mais apreciado, devido à sua geografia privilegiada, que conta várias cachoeiras, sendo a mais conhecida a de Santa Edwicens.

2.1 Educação e cultura em Guaramiranga

A partir da criação do Festival de *Jazz* e *Blues*, no momento que podemos chamar de pós-festival, fo se enriquecendo o horizonte da sociedade local, fortalecendo a arte em seus mais diversos focos, seja no teatro, instrumentalistas e vários outros projetos.

No entanto, um fator determinante para sua criação e idealização foi a Associação Amigos da Arte de Guaramiranga (AGUA), que foi o ponto-chave para a potencialização deste enriquecimento cultural no município. Antes mesmo da criação deste festival, o objeto deste trabalho, tem-se vários outros, os quais se entrelaçam em um caminho extenso de incentivo não governamental da arte e cultura.

Quando tem-se o incentivo à cultura e à arte, outras portas se abrem para a comunidade, pois vemos nela a oportunidade de sairmos da ociosidade, e, além de tudo, temos a chance de incentivar dotes antes escondidos; tem-se, assim, a chance de desenvolver dons e até mesmo de aprimorá-los e adquiri-los com as oportunidades que possuem na comunidade, como o Instituto Federal de Educação, citado no capítulo anterior.

A cidade já conta com um investimento na arte e cultura, idealizado por um grupo de amigos, e que levantou a bandeira da arte como instrumento de transformação de vidas. Este foi à frente das políticas públicas do município, que até então não realizava e nem participava destes projetos de maneira ativa. Este grupo de amigos criaram a ONG, Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga, que foi fundada em 10 de outubro de 1992, e é uma entidade civil sem fins lucrativos que conta com o apoio de pessoas que desenvolvem ou apoiam atividades artesanais, artísticas e /ou educacionais, que tem por finalidade o incentivo e a promoção da arte, da educação e do artesanato. Dentre seus principais objetivos desta ONG estão a defesa dos

interesses gerais das expressões artísticas, artesanais e educacionais, a realização de atividades de intercâmbio cultural, aquisição de apoios, assinatura de convênios, com o fim de integrar a ação de seus associados a um contexto mais universal e adquirir recursos e meios para o pleno desenvolvimento das expressões assinaladas em seus objetivos, manter, criar e/ ou administrar equipamentos de interesse público catalizadores e irradiadores de produção humanística, tais como o teatro, filmoteca, pinacoteca, videoteca, biblioteca, escola de música e vários instrumentos de educação intercultural.

Temos, ainda, como produto de parceria da gestão cultural da cidade com a AGUA, o “Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga”, que em 2015 esteve com sua 22ª apresentação, tendo como promotores a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará e a Prefeitura Municipal de Guaramiranga, sendo o maior evento das artes cênicas do estado e um festival que já tem projeção nacional, trazendo para a cidade mais uma bagagem de cultura e arte, contando com a presença de grandes nomes nacionais de artistas, potencializando o desejo daqueles jovens que se interessam em aprender com esse projeto e vários outros que tem dentro da Associação de Amigos da Arte de Guaramiranga.

No começo do século XX, quando os nordestinos do Ceará viam a serra como refúgio da seca e viram no café um meio de subsistência e de emancipação econômica em Guaramiranga, o teatro era o “refúgio cultural” que animava a cidade. Havia as tradicionais noites de Dramas, que aconteciam no encerramento da colheita do café, da novena de São Francisco de Assis, ou da festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição. Era tradição também o Teatro de Revistas voltado para despedida dos veranistas, que, fugindo da estiagem sertaneja, passavam longos períodos em suas fazendas de café, na serra. Com a decadência da produção de café e o êxodo de seus produtores para a capital, o teatro perdeu sua função de entreter veranistas, e passou a ser o principal programa de animação comunitária de Guaramiranga. Do movimento que fortaleceu os dramas, originou-se o primeiro grupo de teatro de Guaramiranga, o Grupo Cangalha, que iniciou um novo ciclo de vivência cultural do teatro.

Utilizando-se de uma linguagem meso-circense, montando peças de Martins Pena, Mollière e de sua própria autoria, o Cangalha, talvez sem saber, experimentou o teatro de rua, o teatro do absurdo, o teatro de revista e, sobretudo, o teatro social, fazendo-se, por anos, a mais conhecida e aplaudida expressão artística da cidade (GADELHA, 2015).

O projeto “Cidade da Arte”, que também faz parte dos incentivos educacionais, é um conjunto de atividades com centralidade na arte, também idealizado pela AGUA, que tem o desenvolvimento de potenciais da juventude como principal foco de atuação. A partir de cursos nas linguagens de música, dança e artes plásticas, incentiva a formação de grupos que, compostos pelos jovens educandos, tornam-se expoentes dos resultados dos processos de fruição e criação artísticas experimentados pelos jovens no itinerário formativo do projeto. Dentre os cursos tem-se o de musicalização infantil, flauta doce, percussão e violão.

Após a construção do *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga*, a sociedade local teve um grande arranque para questão de ensino-aprendizagem de arte e cultura, incentivando os jovens desta cidade e arredores a investir neste cenário cultural que alavancou e ganhou proporções de destaque nacionais e internacionais.

Faz parte dos projetos da AGUA a Escola de Comunicação da Serra (ECOS), que é direcionada às pessoas que se interessam por contar histórias, as quais, por meio deste projeto, tiveram a oportunidade de aprender a descrevê-las com um roteiro. A ECOS já teve algumas turmas finalizadas de *jovens roteiristas*. Dentre os cursos deste projeto, podemos destacar: câmera, fotografia, edição, edição de áudio, dentre outros. A ECOS é uma escola livre de comunicação, fundada no ano de 2005 como iniciativa da Associação dos Amigos da arte de Guaramiranga. Suas atividades são realizadas principalmente na pequena cidade de Guaramiranga, mas abrangem vários municípios da região do Maciço de Baturité, interior do Ceará. Atuam para a promoção da democratização do acesso aos bens, linguagens e meios de produção de comunicação, firmando suas bases em princípios ético-estéticos de valorização do ser humano. Em seu itinerário formativo, a ECOS promove o direito à comunicação, à cidadania cultural, à inclusão digital, à diversidade cultural e ao fortalecimento da comunidade.

2.2 O negro, a educação e a cultura

Dentro deste diálogo sobre o festival, nota-se que apesar do gênero *jazz* e *blues* ser um estilo criado a partir da resistência, de processo de aculturação que os negros norte-americanos sofreram, essa nova cultura instalada na cidade de Guaramiranga vem de um processo de resistência aos *modus operandi* do carnaval dos cearenses e da região Nordeste. A partir deste processo, há uma resignificação do

carnaval naquela região em que há uma cultura natural, ou não, mas que, já é consolidada e faz parte da cultura daquela região. Contudo, apesar desse processo ser também uma imposição para as pessoas que são naturais daquele espaço, há uma nova chance de dialogar com um aspecto cultural multifocal e intercultural, dando-lhes a oportunidade de dialogar com várias interfaces culturais.

O prof. dr. Kabengele Munanga (1986), ao falar sobre identidades culturais em seu artigo “Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia”, nos revela a diversidade que temos no Brasil de manifestações culturais independentes que surgiu de influências do “povo branco” ou negro. Observa-se que através dos estudos sobre manifestações culturais na visão de teóricos e vivência no maciço de Baturité que, o processo de globalização tem grande influência na sociedade local, assim como em todos os processos sociais, devendo-se assim uma grande parcela de contribuição do poder público em tentar resgatar traços da cultura popular local, dando-se uma maior credibilidade aos traços que caracterizam o “local” e uma base coerente de historicidade. Percebe-se a questão do “não reconhecimento”, e digo falta de conhecimento de culturas populares e movimentos culturais que são estranhos à grande massa:

Têm - se culturas particulares que escapam da cultura globalizada e se posicionam até como resistência ao processo de globalização. Essas culturas particulares se constroem diversamente tanto no conjunto da população negra como no da população branca e oriental. É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc. Olhando a distribuição geográfica do Brasil e sua realidade etnográfica, percebe-se que não existe uma única cultura branca e uma única cultura negra e que regionalmente podemos distinguir diversas culturas no Brasil (MUNANGA, 1986, p.167).

Para o Antropólogo Eric Wolf(1998), podemos entender que “cultura” é um meio de se firmar enquanto indivíduo construtor de processos de relações e interações sociais e que destas interações surgem manifestações e construção de uma identidade e memória cultural. Podemos enxergá-la como um meio de fugir de sua zona de conforto e uma forma de transformar sua realidade ou meio de resignação (experenciar uma situação sem a intenção de mudá-la) de outros meios de expressão sociocultural.

Com isso, podemos relacionar o estilo *jazz* e *blues* como um processo de ressignificação, ou seja, o *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga* nada tem a ver com o real significado e sentido dos dois estilos, *jazz* e *blues*, que em essência surgiram

como um forma de resistência de um processo de aculturação em massa do qual tentavam resistir. O festival surge como forma de imposição de um novo conceito cultural, apesar de nascer de uma ideia original, que é sair da música frenética do carnaval comum.

Então, vejamos que as interações socioculturais no Maciço de Baturité têm origens bem mais complexas, visto que, para uma maior compreensão, é preciso realizar pesquisas bem mais profundas. Para entender essa inovação cultural que é esse festival, importa entender a história/memória daquela região e que novo estilo/conceito são aqueles. Quem os criou? Com que intuito? A partir dessas indagações, pode-se tentar buscar uma ressignificação para este processo, tendo uma visão mais rebuscada de um fazer inovador do carnaval.

Vejamos que, em 1808, o tráfico de escravos no Atlântico trouxe aproximadamente meio milhão (500 mil) de africanos aos Estados Unidos, em grande quantidade para os estados do Sul deste país. Grande parte dos escravizados vieram do Oeste da África e trouxeram fortes tradições da música tribal. Com isso, surgem atributos, tais como o *swinging*, improvisação, interação em grupo, desenvolvimento de uma "voz individual", e estar "aberto" a diferentes possibilidades musicais que se tornou o *jazz*. O *blues* é uma forma musical vocal e/ou instrumental que se fundamenta no uso de notas tocadas ou cantadas numa frequência baixa, com fins expressivos, utilizando sempre uma estrutura repetitiva e sofreu algumas influencias do *rock and roll* e do *jazz*.

O termo "*jazz*" é, desde longa data, usado para uma grande variedade de estilos; uma definição abrangente que inclui todas as variações es que é difícil de ser encontrada. Enquanto alguns entusiastas de certos tipos de *jazz* têm colocado definições menos amplas, que excluem outros tipos que também são habitualmente descritas como "*jazz*", os próprios *jazzistas* são, muitas vezes, relutantes quanto à definição da música executada. Para Marcos Sorrilha, o *blues* surge a partir de momentos de relutância por parte dos escravizados os quais sofriam um processo de aculturação.

‘O *blues* nasceu com o primeiro escravo negro na América.’ Com essa afirmação, Roberto Muggiati (1995) tenta expressar a essência da origem do *blues*. Ainda que carregado de um sentido poético, o autor tenta demonstrar que, mais do que um estilo musical, o *blues* é uma representação e ferramenta cultural de afirmação do negro diante da sociedade colonial e uma forma de se introduzir perante esta. Retirada a carga dramática estabelecida por Muggiati, é verdade que o *blues* possui relação com o processo de resistência negra e a formação de uma cultura afro-americana diretamente vinculada aos escravos. Como herança de seu continente, os negros recorriam aos gritos (*hollers*), expressão primal que sofreria alterações e mutações no cotidiano

escravocrata. Usada única e exclusivamente como ferramenta de trabalho, já que o negro tinha quase todos os meios de lazer e ócio privados e interditados por seus senhores. Até mesmo o uso de instrumentos musicais era inicialmente proibido, uma vez que os proprietários brancos tinham o receio de que sua fabricação e uso poderiam fomentar rebeliões e levantes (SORRILHA,2011, p.226).

Partindo desta premissa, notemos que o *jazz* e *blues* surgem da legitimação de interações sociais dos escravizados, onde usaram tais meios de expressão artístico-cultural para não deixar suas raízes e sua identidade cultural serem extintas. Para o pesquisador Francismar Alex Lopes de Carvalho, em seu artigo intitulado “O Conceito de Representações Coletivas Segundo Roger Chartier” (ano), a história cultural e a realidade social são construídas através da identificação dos fatos sociais, e podemos associar tais fatores determinantes para criação destes estilos, o *jazz* e *blues*.

O objeto da história cultural é, segundo Chartier, ‘identificar o modo como em diferentes lugares e momentos de uma realidade social é construída, pensada, dada a ler’ (CHARTIER, 1990, p. 16). Este objeto decorre de uma definição dupla de ‘cultura’: (1ª) enquanto obras e gestos que configuram e justificam uma apreensão estética, um princípio de classificação e de demarcação intelectual do mundo; (2ª) enquanto práticas comuns, ‘sem qualidades’, que exprimem a maneira pela qual uma comunidade produz sentido, vive e pensa sua relação com o mundo (CHARTIER, 1999, p. 8-9; 2002, p. 93). Para a elaboração de caminhos conceituais que orientem a pesquisa dessa história cultural entre práticas e representações, Chartier recorre à contribuição de vários autores que, de modo cumulativo, tornaram conceitos como os de ‘representações coletivas’ e ‘apropriação’ operacionalizáveis (e aqui Chartier segue Bourdieu, para quem o trabalho de conceituação é sempre cumulativo. BOURDIEU, 1998b, p. 63) (CARVALHO, 2005, p. 143-165).

A seara cultural do Maciço é um aspecto irreverente e não é algo inovador, haja vista que essa região serrana foi e é palco de grandes manifestações artístico-culturais “independentes”, sendo a cidade de Guaramiranga escolhida para sediar tais festivais que apesar de não pertencer originariamente àquele povo, é um espaço com uma “aura” cultural forte, desde sua fundação.

Segundo Maria Amélia, produtora do Festival e uma das idealizadoras, o festival surge como forma de (...) resistir à imposição de massificação do gosto musical brasileiro, oferecendo e dando acesso ao público da música mais rebuscada bem como permitindo aos músicos que não encontram nesse mercado espaço para divulgação de seus trabalhos. Essa é a maior contribuição cultural do Festival. Para a comunidade local, o evento permitiu a projeção da imagem de Guaramiranga, estimulando o turismo cultural, ampliando a oferta de geração de emprego e renda.

A fim de analisar quais são os principais motivos que instigaram os criadores do *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga* e entender, sob o ângulo de um morador do Maciço e músico instrumentista, elaboramos um questionário semiestruturado para aplicar/usá-los em uma entrevista pessoal, para entender suas percepções sobre aquele novo conceito levado à cidade que é distante da grande capital do estado do Ceará, e entender sua percepção econômica, cultural e educacional daquela região antes e pós- introdução do festival. A entrevista foi feita pessoalmente e por via eletrônica (e-mail) com as duas criadoras do festival, Raquel Gadelha e Maria Amélia Mamede; com a produtora e gestora cultural da cidade, Nilde Ferreira; e com um músico instrumentista que participou/participa anualmente do festival, João Paulo. As perguntas realizadas foram:

- Comente sobre a sua relação com a cultura e a música? E sua relação com o Festival de *Jazz e Blues*? Como surgiu? Porque escolheram a Cidade de Guaramiranga? Quais os critérios utilizados? E quem foram os idealizadores? Houve outras iniciativas locais e, ou regionais?
- Dentre as diferentes formas de expressão musical, porque o *Jazz e Blues* foram escolhidos como tema do festival? Qual a relação do *Jazz* e do *Blues* com a cultura? E com a cultura negra? E com a cultura no Maciço de Baturité?
- Quais os pontos positivos e negativos do festival de *jazz e blues*, em sua opinião e o que ele trouxe pra comunidade local após sua implantação? Quais as dificuldades de perpetuação do festival?

Essa pesquisa é de caráter interpretativa e o foco principal é compreender como os produtores idealizadores veem o festival no aspecto positivo e negativo, e, a partir disso, fazer o cruzamento com a visão de alguém que vivenciou esse processo e que é músico e morador do Maciço de Baturité . As perguntas feitas ao músico instrumentista foram:

- A experiência no Festival de *Jazz e Blues*?
- Relação com a cultura e a música?
- E sua relação com o Festival de *Jazz e Blues*?
- Quais os pontos positivos e negativos do festival de *jazz e blues*, em sua opinião?

A partir da análise das entrevistas, nota-se que as produtoras Maria Amélia e Raquel Gadelha escolheram a cidade de Guaramiranga por ela já possuir uma “efervescência cultural muito grande” e pela questão do período do ano, quando a cidade “[...] ficava ociosa pois nada acontece no Brasil entre o natal e carnaval” (informação verbal)¹, o que as motivaram a começar a introduzir essa ideologia que partiu de ideias de cunho pessoal e foi-se buscando meios/pessoas que pudesse colocar esse projeto/ideia em prática, o que ocorreu no ano 2000.

Para além desses fatores, as produtoras dizem que a ideia principal era dar “[...] uma opção as pessoas que não se identificavam com essa tradição”, pois quando nada se tinha, havia o *mela-mela*, que não era um desejo de todos (informação verbal)².

Para a gestora cultural e ex-secretária de (1998/ 2008) da cidade Guaramiranga, “[...] a Prefeitura da cidade tinha uma política de atração de eventos de proposta turística-cultural e já desenvolvia, com êxito, o Festival de Teatro de Guaramiranga (desde 1993)” (informação verbal)³. O que nos mostra que a própria cidade já tinha essa aura cultural não inovadora, mas que era algo que vinha complementar aquele círculo multicultural que, para a ex-secretária de cultura à época, tem-se “[...] pouca adaptação das estruturas das cidades à complexidade da produção artística e cultural, descontinuidade das políticas públicas, ineficiência das políticas de crédito no que diz respeito ao fomento do setor empresarial da cultura” (informação verbal)⁴.

Nota-se ainda que as políticas públicas têm uma grande importância para cidades com uma geografia como a de Guaramiranga, por ter espaços de preservação ambiental. Quanto a isso, Maria Amélia diz que o festival “[...] estimulou a especulação imobiliária e a agressão ao meio ambiente, o que foge da responsabilidade do evento e coloca para os órgãos competentes por essa regularização novos desafios” (informação verbal)⁵.

Vemos novamente que os órgãos públicos têm um papel importante para proteção e cuidado desta cidade que cresceu bastante economicamente, onde, segundo a própria organizadora (Maria Amélia), impulsionou o crescimento imobiliário e

¹ Entrevista realizada com Raquel Gadelha em 2015.

² Entrevista realizada com Maria Amélia em 2015.

³ Entrevista realizada com Nilde Ferreira em 2015.

⁴ Entrevista realizada com Nilde Ferreira em 2015.

⁵ Entrevista realizada com Maria Amélia em 2015.

empresarial da região. Sobre o campo educacional, Raquel Gadelha fala que os “[...] alunos da ONG Agua sempre participaram ativamente da construção do festival onde os deixávamos sempre a vontade pra criar, ajudar e construir estes momentos culturais” (informação verbal)⁶. Logo ao se instalarem como precursoras deste novo jeito de fazer o carnaval, elas, Maria Amélia e Raquel, criam o “Residências Artísticas”, que possibilitou aos jovens locais participarem de oficinas onde se ensinava a tocar algum instrumento.

João Paulo, músico, instrumentistas e ouvinte assíduo do festival, diz que “[...] o festival ganhou tamanhas proporções que a graciosa e pequena cidade serrana parece não os comportar mais” (informação verbal)⁷. Para o ouvinte, há um sentimento extrema delicadeza quanto à questão de espaço, que nao decorrer dos anos torna-se cada vez menor para tantas pessoas.

⁶ Entrevista realizada com Raquel Gadelha em 2015.

⁷ Entrevista realizada com João Paulo em 2015.

3 FESTIVAL DE JAZZ E BLUES DE GUARAMIRANGA

O nome vem do Tupi Guará (vermelho) e Miranga, ou Piranga (garça), cujo significado é *pássaro vermelho*. Originalmente, a localidade era denominada Conceição. O distrito foi criado por Ato Provincial de 10 de outubro de 1868. Por Decreto de 1 de setembro de 1890, foi elevado à categoria de vila, passando a ser chamada de Guaramiranga. Em 1899, a Vila foi extinta, e o território voltou a ser anexado ao município de Baturité como simples distrito. Em divisão administrativa de 1911, o distrito de Guaramiranga torna-se município. Foi elevada à categoria de cidade novamente pela Lei nº 1887/1921.

O *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga* foi idealizado/criado pelas diretoras da Via de Comunicação, Maria Amélia Mamede e Rachel Gadelha, com a ajuda de lideranças políticas culturais da cidade e da Associação Amigos da Arte de Guaramiranga, trazendo realizações e contribuições ao público e à cena cultural cearense e local desde o período de pré-produção até a realização do evento na serra e o pós-Festival, mostrando o impacto social, econômico e cultural para o Ceará e para sociedade local, trazendo consigo formação profissional e artística para aquela sociedade abastada da capital Fortaleza, e que até então não tinham acesso a essa pluralidade artística-cultural.

O *Festival de Jazz e Blues de Guaramiranga* me instigou a pesquisar além do festival em si, mas também as relações e interações multiculturais durante seus ciclos e construção que dar-se sempre no carnaval, que causa grande movimentação e relações que passam despercebidas. Em uma de minhas visitas ao festival (2015), me intrigou o fato de não ter muitos negros ou afrodescendentes no espaço, principalmente por ser o

estilo *blues* bem “típico” e idealizado pelos negros norte-americanos, os quais o criaram como forma de expressar sua cultura e sofrimento.

Com o Festival, hoje tradicional no calendário cultural do estado, os estilos alcançaram grande visibilidade, fortalecendo as raízes e conquistando uma plateia numerosa, além de contribuir para o fortalecimento da economia da região ao atrair milhares de turistas todos os anos.

O Festival transformou o carnaval serrano do Ceará e se tornou um dos maiores eventos dos gêneros *jazz* e *blues* no país, marca de pioneirismo, qualidade artística, excelência em produção cultural e integração com a comunidade, a partir de ações de responsabilidade social e ambiental.

Com o incentivo do poder privado, tem-se um aquecimento não apenas do comércio e da prestação de serviços locais, mas, sobremaneira, do seu mercado imobiliário, que passou a incidir sobre cada vez mais espaços, e com valores bem mais altos. Tais espaços eram mais acessível, quando se tinha as famílias dos cafeicultores (início do século XX), que era a maior população daquela região. Com isso, alguns casarões remanescentes da cafeicultura foram convertidos em empreendimentos, para atender à grande demanda turística que estava se instalando nessa região do Maciço de Baturité, especificamente na cidade do "*Jazz e Blues*".

Notamos que o tempo vai (re)configurando os espaços e atividades em determinados localidades, cidades, vilas etc., e que para compreender estas “novas” (re)configurações temos que buscar associá-las a fatos históricos. Vejamos que, no início do século XX, no Maciço de Baturité, era comum as famílias se manterem financeiramente com atividades agrícolas , em especial a colheita do café . Já existia, de forma tênue e simplória, algumas atividades culturais no final das colheitas. Vejamos Guaramiranga no início do Séc. XX:

Figura 3 - Rua do comércio, Centro de Guaramiranga-Ce



Fonte: Fotos de arquivos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Nota-se o quão era cheia de traços próprios daquele povo que vivia nessa rua, em um período em que não havia tantos investimentos locais no turismo, na cultura e demais setores públicos desta cidade. Segundo Raquel Gadelha, “[...] quando eles colhiam suas plantações de café, eles comemoravam a colheita com um DRAMA” (informação verbal)⁸. O que vemos é que a cultura é algo bem presente na vida dos nativos que habitavam o centro da cidade. Vejamos que com algumas leis de proteção ambiental no final do século XX, muitos não tinham como realizar sua atividade comum, a agricultura, o que (re)configurou essas povos que viviam daquilo. E após um incremento na questão cultural e um impulso no turismo entre esse final dos anos 1990 e início do século XXI, fez com que o incentivo do poder privado tivesse um aquecimento não apenas do comércio e da prestação de serviços locais, mas, sobretudo, seu mercado imobiliário, que passou a incidir sobre cada vez mais espaços, e com valores bem mais altos que outrora era mais acessível quando se tinha as famílias dos cafeicultores (Início do Séc. XX), que era a população maior daquela região. Com isso, alguns casarões remanescentes da cafeicultura foram convertidos em empreendimentos para atender à grande demanda turística que estava se instalando nessa região do Maciço de Baturité, especificamente na Cidade do “Jazz e Blues”.

⁸ Entrevista realizada com Raquel Gadelha em 2015.

3.1 Como surge o *Jazz* e *Blues*

Este estilo foi adotado como meio de mostrar sua indignação frente ao preconceito sofrido pelos seus senhores, como diz Marcos Sorrilha Pinheiro em seu artigo intitulado “Manifestação e inserção sociocultural do negro do início do século XX”, o qual nos mostra os desdobramentos da criação e evolução do *blues*. Vejamos o que diz Sorrilha sobre este processo de resistência à institucionalização das relações cotidianas dos escravizados norte-americanos:

Segregado socialmente e impossibilitado de se defender, diante dos preconceitos sugeridos por seus senhores, o negro adotou várias formas de resistência, entre elas a criação de uma estrutura cultural que valorizava elementos relacionados à sua origem étnica e se diferenciava daquela estabelecida pelos seus senhores. Assim, reforçou sua maneira de pensar, de sentir e de se relacionar com o sagrado, retomando aspectos culturais que sua memória africana ainda guardava (JACINTO, 2009). Resistir não é apenas rebelar-se e romper com o poder dominante, mas também pode ser configurado em ressignificações da própria estrutura de poder, permitindo a introdução de novas formas de sociabilidade dentro da mesma. Chegando a terras desconhecidas, os negros adotaram como alternativa ao sofrimento (desmantelamento familiar e liberdade cerceada) a reelaboração da cultura que traziam consigo, de maneira especial a música. Estava aberto um rico campo de influências culturais que marcaria profundamente a história dos Estados Unidos. O *blues* é um exemplo disso (SORRILHA, 2011,p. 226).

O pesquisador faz uma abordagem sobre a origem do *blues*, fazendo uma reflexão relacionando o estilo com a questão da diáspora africana, e sua forma de expressão por meios culturais os quais pudessem resgatar um pouco de sua historicidade a qual foi roubada e “aniquilada” pelos grandes senhores de engenho, mas que apesar da imposição de uma “nova cultura” através da resistência dos escravizados surgem novos meios de manifestação cultural, vindo surgir o *jazz* e o *blues* como meios de expressão de sua indignação e revolta.

CONCLUSÃO

A identidade negra é histórica, social, plural e cultural; podemos ver que ela é diversa em sua “totalidade”, pois está condicionada a vários fatores sociais que a influenciaram, condicionando-a a processos e mecanismos de dominação em vários sentidos, tais como sua cultura local e educacional, onde foi-se moldando um negro “aculturado”, de traços de outras etnias e grupos sociais, inferiorizado e desqualificado, mostrando-o como “inferior” frente às sociedades colonizadoras.

A cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamentos, costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controles, planos, receitas, regras, instituições para governar o comportamento (GEERTZ, 1989, p.56).

O *jazz* e *blues*, enquanto música dos negros, está presente em grande escala nos espaços integrados por brancos. No caso do Festival de *Jazz & Blues* de Guaramiranga, há pouquíssimos, quase que nenhum negro, quiçá descendentes de escravizados norte-americanos. Não há sequer citação de tais “personagens” idealizadores dos estilos, em especial o *blues* (haja vista que o *Jazz* é um estilo derivado do *Blue*, em essência o estilo criado pelos escravizados norte-americanos foi o *blue*), o que nos instiga a investigar a “fundo” o surgimento do *blues* no estado do Ceará e no Brasil.

Se faz necessário reconhecer e aceitar o pluralismo como um fato da sociedade, contribuindo para o estabelecimento de uma sociedade de igualdade de direitos e de equidade, contribuindo para interações inter-étnicas harmoniosas, haja vista que, por meio do reconhecimento, valoriza-se a importância das minorias culturais.

Vejamos que em vários espaços, seja no campo educacional, de trabalho, cotidiano e cultural, enfrentamos várias formas de expressão impostas pela “sociedade”, a qual está atrelada a várias questões relacionadas à colonização/descolonização, que podemos vê-las como “normal” ou fruto de questões históricas bem mais complexas.

A cultura afro está atrelada à cultura brasileira, pois ambas são frutos de processos de colonização que permanecem ou não em nosso dia a dia. A diversidade cultural (interculturalidade) no espaço público brasileiro foi assegurada a partir de 1980,

quando começaram a visualizar o Brasil como país multicultural, como de fato é, e foi-se ganhando espaço.

Levando nossa reflexão a cerca dessa diversidade para a questão cultural e mais fixamente para o maciço de Baturité, vejamos o quanto é importante adotarmos políticas públicas voltadas para os incentivo cultural e educacional. Vejamos que o acesso a locais que contenham (apresentações culturais) arte, é um tanto difícil, seja pelo fato de algumas pessoas não terem condições de acesso por conta de locomoção ou por dificuldades financeiras, haja vista que em muitos lugares é difícil o acesso a teatro, centro de eventos, shows e etc, por ser distante de sua cidade, ou pelo fato de não ter acesso gratuito, por serem de famílias carentes e pelo governo não investir na acessibilidade dessas pessoas a tais espaços. Faz-se necessário incentivar diálogos entre outras culturas, sendo que podemos entender a interculturalidade como um meio de eliminar hierarquizações sociais seja de gênero, etnia, etc., vendo que esta é uma ferramenta de reconhecimento de identidades, que no caso no festival de *jazz* e *blues* é um tanto ausente a presença de negros norte-americanos, sendo que o estilo blue é uma arte que é originária deles.

Resgatar os processos de construção das nossas identidades culturais, promover experiências de interação sistemática com os “outros, bem como reconstruir e entender a dinâmica sociocultural nós dá as ferramentas de interpretação e associação à ideia que temos do que seja “nossa identidade”, relacionando-as com as nossas raízes identitárias. Mesmo tendo como premissa que tratando-se de Brasil e cultura, tem-se configurada cada dia mais complexa a ideia de identidades culturais, o que podemos ver a partir de Haal (2006):

[...] esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (p. 12-13).

Sendo assim, faz-se necessário observar e analisar os diversos movimentos que ocorrem a nossa volta; processos de construções e de assimilações, e entendê-las para, então, tomá-las para si, ou compreender o contexto em que tal acontecimento vem se integrando a nós, em nossa localidade, em nossa cidade, em nosso estado e em nosso

país. Observar e questionar e interpretar esses eventos se faz necessário para a compreensão de nossa história.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DIGITAL,Aulete. **Dicionário Caldas Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/mela-mela#ixzz3tH5Cs0k9>>. Acesso em: 24 out. 2015.

GEERTZ, Cliffford. **A interpretação das Culturas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,1989.

HALL, S. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

MATOS, Rose Mary Santana. **Livro – Aracoiaba: História em Retalhos**. Vol 1, Fortaleza: Premius. 2012. p. 52

RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain; COSTA, Anderson Gonçalves. Indicadores Educacionais e Gestão por Resultados: O direito à educação no Maciço de Baturité. **UNILAB**, Maciço de Baturité, v.1,n.1, 2013, p.1-20.

ARAÚJO ; LIMA; Bruna Alves de, Renata Mayara Moreira de **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, Vol. 5, Número Especial, p. 29-42, abr. 2015.

ANEXO A
Programação Do Festival De *Jazz E Blues* De Guaramiranga

01-Teatro De Bonecos.

02-Ensaio Aberto.

03-Show Ao Pôr Do Sol.

04-Jam Sessions.

05-Oficina (Reciclagem).

APÊNDICE A
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 1

Nome: Raquel Gadelha

Profissão: Curadora da Secretária do Cine Teatro São Luiz e uma das idealizadoras do Festival de *Jazz e Blues* de Guarimiranga.

1) Comente sobre a sua relação com a cultura e a música? E sua relação com o Festival de *Jazz e Blues*? Como surgiu? Porque escolheram a cidade de Guarimiranga? Quais os critérios utilizados? E quem foram os idealizadores? Houve outras iniciativas locais e, ou regionais?

“Primeiramente quero responder como é que eu sinto a minha relação com a cultura da cidade. Guarimiranga tem uma história que a gente vendo em alguns livros que no século passado ela teve um período, um apogeu cultural muito grande, foi um período que na época da seca em 1915, algumas famílias foram morar em Guarimiranga da elite e lá faziam saraus LITERÁRIOS e FESTIVIDADES. Então, a comunidade e a escola de Guarimiranga conviveu com uma efervescência cultural muito grande. A comunidade nativa de Guarimiranga quando eles colhiam suas plantações de café eles comemoravam a colheita com um DRAMA (texto em verso ou prosa, escrito para ser encenado, ou mesmo a encenação desse texto), que é como se fosse um teatro, então a própria comunidade também convivia com isso.”

2) Dentre as diferentes formas de expressão musical, porque o *Jazz e Blues* foram escolhidos como tema do festival? Qual a relação do *Jazz* e do *Blues* com a cultura? E com a cultura negra? E com a cultura no Maciço de Baturité?

“Escolhemos o *Jazz e Blues* devido ao clima da serra do Maciço de Baturité, e também devido nosso Estado do Ceará ter muitos músicos instrumentistas que não tinham a possibilidade de mostrar seu trabalho no período do Carnaval pois a cultura que imperava na Capital Fortaleza era o “*mela- mela*”(Brincadeira comum em carnaval de rua, em que os foliões jogam água, talco e goma uns sobre os outros) nas praias, então resolvemos criar este momento pra que esses artistas tivessem espaço e para sairmos daquele jeito de “curtir” o carnaval. Nós, eu a Maria Amélia, percebemos um potencial na Cidade de Guarimiranga, onde observávamos os costumes da cidade,

sempre com um cuidado com as pessoas da localidade. Os alunos da ONG Agua sempre participaram ativamente da construção do festival onde os deixávamos sempre a vontade pra criar , ajudar e construir estes momentos culturais. Há quem diga que o *Jazz* é algo americano e de elite, mas na verdade este *Jazz* e *Blues*, estilos diferentes no conceito mas que se complementam no festival é quase uma construção de um estilo feito a partir de uma resistência de um lamento dos povos escravizados na América do Norte e que ganhou o mundo e não escapou dos nossos olhos. O *Blues* é também o “pai” do Rock (estilo musical bastante vivenciado nas décadas de 80,90 e até início do ano 2000. Já o *Blues* é essa “coisa” de grito, de improviso, de expressão musical e expressão do sentimento que complementa o *Jazz*.. O Festival vai quebrar aquele conceito de carnaval que existia antes dessa nova “onda cultural” que entrou no Maciço. Criamos um grupo que chamava-se “Residências Artísticas”, que possibilitou aos jovens locais participarem de oficinas onde ensinava-os a tocar algum instrumento e isso foi migrado também pra outras cidades após o sucesso desta incubadora. Tinha meninos que só conheciam o forró eletrônico e alguns cânticos na igreja.”

3) Quais os pontos positivos e negativos do festival de *jazz* e *blues*? E o que ele trouxe pra comunidade local após sua implantação? Quais as dificuldades de perpetuação do festival?

“Tivemos alguns momentos de crise, pois as condições eram precárias e no primeiro ano e a partir do segundo ano foram muitas pessoas para este evento e algumas pessoas começaram a querer ver aquilo como algo meramente econômico (o que não era) e começaram várias briguinhas pra querer patrocinar o evento. E além disso muitos *hippies* começaram a chegar na cidade várias pessoas na elite da cidade não aceitaram bem aquele novo grupo de pessoas. Daí começamos a se organizar pra repensar a organização do evento de como envolver a cidade. Mas conseguimos trazer saneamento pra cidade, geração de renda, através do turismo cultural e na parte de ensino conseguimos abrir mais projetos voltados pra melhoria da cidade.”

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 2

Nome: Maria Amélia Mamede

Profissão: Diretora da Via de Comunicação, jornalista e produtora do Festival

01) Comente sobre a sua relação com a cultura e a música? E sua relação com o Festival de *Jazz* e *Blues*? Como surgiu? Porque escolheram a Cidade de Guaramiranga? Quais os critérios utilizados? E quem foram os idealizadores? Houve outras iniciativas locais e, ou regionais?

“Minha relação com a cultura e a música vem do incentivo de meu pai que estimulou na minha infância a ler e ouvir música clássica. Tínhamos uma biblioteca com inúmeros livros e discos. Depois, na adolescência, meu círculo de amizade também era de pessoas amantes da música e da arte em geral. A minha realização com o Festival de *Jazz* vem de sua idealização, quando pensamos em realizar um evento em um período em que a empresa ficava ociosa pois tudo nada acontece no Brasil entre o natal e carnaval, desta forma, o primeiro exercício foi buscar alguma atividade que acontecesse nesse período. A idéia foi realizar um evento durante o carnaval que oferecesse uma opção as pessoas que não se identificavam com essa tradição e o melhor seria oferecer um produto bem diferenciado, logo, a música instrumental, o *jazz*, a bossa nova (ritmos mais lentos e introspectivos), somado a grande oferta de música do Ceará que sempre acompanham os cantores e não tinham espaço para mostrar seus talentos. A cidade de Guaramiranga surge como o cenário perfeito para o conceito do evento pois foge do esteriótipo da imagem nordestina de sol e praia. Uma serra, ainda uma pequena reserva de Mata Atlântica, verde, clima ameno e também com uma tradição em festas culturais. Assim, eu e minha sócia Rachel, começamos a sondar com músicas e amantes de música sobre a viabilidade do evento e concluímos que seria viável por todas as questões colocadas anteriormente. O evento serviu de referencia a outras iniciativas em cidades como Brasília, Rio das Ostras, São Paulo, Pedro II mas como inspiração, nada articulado.”

02) Dentre as diferentes formas de expressão musical, porque o *Jazz* e *Blues* foram escolhidos como tema do festival? Qual a relação do *Jazz* e do *Blues* com a cultura? E com a cultura negra? E com a cultura no Maciço de Baturité?

“O *jazz* e o *blues* são gêneros ou estilos musicais que nasceram do relação dos escravos americanos com o trabalho como forma de amenizar o sofrimento decorrente daquela situação. Logo se expandiu para o mundo e hoje sua base está na forma de tocar com improvisos. O Brasil tem sido referência de músicos que se destacam nesse cenário por adaptar o gênero a ginga e criatividade do brasileiro. Se a gente observar, as maiores referências artistas do *jazz* e *blues* são negras: Miles Davis, John Coltrane, Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Louis Armstrong, Charlie Parker, Herbie Hancock, Thelonius Monk, Nina Simone, Ray Charles, Sarah Vaughan, Aretha Franklin etc. Com a cultura do Maciço não existe uma tradição mas o Festival incentivou vários músicos e amantes de música da região a descobrir novas musicalidades e ampliar seu repertório musical a partir do acesso a grandes nomes brasileiros e internacionais uma vez que sempre buscamos parceria com ONGs e escolas da região para oferecer oficinas, palestras e residências artistas, contribuindo para toda uma geração pela oportunidade ao acesso a essas sonoridades que não são divulgadas pela indústria fonográfica de massa.”

03) Quais os pontos positivos e negativos do festival de *jazz* e *blues*? E o que ele trouxe pra comunidade local após sua implantação? Quais as dificuldades de perpetuação do festival?

“O Festival de *Jazz* e *Blues* tem resistido à imposição de massificação do gosto musical brasileiro, oferecendo e dando acesso ao público da música mais rebuscada bem como permitindo aos músicos que não encontram nesse mercado espaço para divulgação de seus trabalhos. Essa é a maior contribuição cultural do Festival. Para a comunidade local o evento permitiu a projeção da imagem de Guaramiranga estimulando o turismo cultural, ampliando a oferta de geração de emprego e renda. Em pesquisa realizada em 2012 pelo Sebrae, verificou-se que cerca de 70% dos empreendimentos na cidade surgiram após o Festival, o que representa um impacto muito grande na economia local. A circulação de recursos durante o evento chega a ser próxima da arrecadação anual do município. Também se observou melhorias na

infraestrutura da cidade, como serviço de esgoto e ruas decorrentes da exigência do público visitante. Como aspectos negativos observamos que essa mesma projeção estimulou a especulação imobiliária e a agressão ao meio ambiente, o que foge da responsabilidade do evento e coloca para os órgãos competentes por essa regularização novos desafios. A grande dificuldade do evento é sua manutenção financeira uma vez que a natureza da cultura, especialmente de eventos presenciais, não se custeia com recursos oriundos da venda do produto. Esse recurso advém de filantropia, que no caso do Brasil e mais ainda do Nordeste e Ceará, não se observa uma cultura de incentivo por parte das empresas, ou do Estado, por meio de incentivos fiscais e cada vez existe mais oferta de projetos e menos recursos. Outras dificuldades refere-se a própria cidade que não evoluiu no ritmo dos eventos que abriga, obrigando os promotores a montar uma estrutura grande e assumir até despesas de total responsabilidade do poder público como segurança.”

APÊNDICE C
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 3

Nome: Nilde Ferreira

Profissão: Gestora Cultura

01) Comente sobre a sua relação com a cultura e a música? E sua relação com o Festival de *Jazz* e *Blues*? Como surgiu? Porque escolheram a Cidade de Guaramiranga? Quais os critérios utilizados? E quem foram os idealizadores? Houve outras iniciativas locais e, ou regionais?

“Minha relação com a cultura e com a música se dá no campo da gestão de políticas públicas e na gestão de projetos culturais.

Minha relação com o Festival de *Jazz* foi no nível institucional, quando ocupei a função de Secretária de Cultura do Município de Guaramiranga, entre os anos de 1998 e 2008.

Escolheram a cidade de Guaramiranga porque à época a Prefeitura da cidade tinha uma política de atração de eventos de proposta turística-cultural e já desenvolvia, com êxito, o Festival de Teatro de Guaramiranga (desde 1993). Em 2000, Guaramiranga já se apresentava como um importante polo cultural e destino de pessoas com interesse no turismo de base cultural. Isso favoreceu o planejamento da empresa proponente do festival de *Jazz*.”

02) Dentre as diferentes formas de expressão musical, porque o *Jazz* e *Blues* foram escolhidos como tema do festival? Qual a relação do *Jazz* e do *Blues* com a cultura? E com a cultura negra? E com a cultura no Maciço de Baturité?

“Não posso responder a essa pergunta, porque não tive participação na conceituação do festival.”

03) Quais os pontos positivos e negativos do festival de *jazz* e *blues*? E o que ele trouxe pra comunidade local após sua implantação? Quais as dificuldades de perpetuação do festival?

“O Festival de *Jazz* acumula mais pontos positivos que negativos. Os positivos dizem respeito ao impacto econômico que a realização do evento gera, especialmente, quando se destaca a descentralização da renda, a ampliação do gasto per capita, a qualificação do perfil do público e a contribuição para a consolidação da imagem de Guaramiranga como cidade cultural. Como negativo, destaco seu caráter “eventual” para a comunidade local. O fato de não realizar atividades que liguem as edições (que são calendarizadas) à vida da comunidade, na minha opinião, dificulta que a comunidade tenha uma relação de maior participação no evento.

Outros pontos negativos relacionados ao evento devem ser avaliados, antes, numa perspectiva que possa analisar o desempenho dos papéis do poder público na cadeia dos eventos turísticos-culturais.

A dificuldade de perpetuação é a dificuldade comum a todos os projetos culturais que não atuam na lógica da indústria cultural: dificuldades de financiamento, pouca adaptação das estruturas das cidades à complexidade da produção artística e cultural, descontinuidade das políticas públicas, ineficiência das políticas de crédito no que diz respeito ao fomento do setor empresarial da cultura.”

APÊNDICE D

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Nº 4

Nome: João Paulo Chagas

Profissão: Músico Instrumentista

01) Qual a sua experiência no Festival de *Jazz e Blues*?

“Particpei em 2007 com um projeto com os Professores e instrumentistas cariocas Jefferson Gonçalves e Kleber Dias. Na oportunidade estive em workshops e me apresentei dentro da programação do evento. Anos depois, desde 2012 consecutivamente participo como público-ouvinte do festival.”

02) Comente sobre a sua relação com a cultura e a música.

“A cultura, música em específico é algo íntimo e faz parte da minha filosofia. A música me traz sempre boas sensações, me ensina a ter novos olhares, tolerar e ser paciente, buscar o bom humor, é essência em totalidade. Ela “música” me levar a intensos e profundos estados de espírito. Sou violonista e guitarrista, toco há 13 anos. Comecei os estudos no violão com o auxílio de alguns colegas e revistinhas à época, após algum tempo ingressei na banda de música municipal de Guaiuba, lá tive minhas primeiras aulas de teoria musical com o Maestro da banda do Corpo de Bombeiros do estado do Ceará Márcio Mendonça, na banda eu tocava um instrumento de sopro chamado trompa flugelhorn. Pouco tempo após eu comecei a ter aulas de violão no CEARC – Centro de arte e cultura Portal da Serra – com o Professor Rogério Jarles do Conservatório Alberto Nepomuceno. Desde então já toquei e participei dos mais diversos grupos e gêneros musicais em diversos eventos e festivais pelo país.”

3) E sua relação com o *Festival de Jazz e Blues*?

“De uma forma geral, eu sendo músico instrumentista, minha experiência é relacionada ao aprendizado. Ter a oportunidade de ver e ouvir grandes ícones da música

brasileira e mundial tocando de tão perto, algumas vezes até ter algum contato, isso sempre me deixa com um grande entusiasmo. A proposta do carnaval alternativo, o clima serrano, puder conhecer e laçar novas amizades com pessoas com interesse comum em música; todo esse ambiente e, todas essas relações, me deixam com boas referências, novos contatos e muito aprendizado.”

4) Quais os pontos positivos e negativos do Festival de Jazz e Blues, em sua opinião?

Os pontos positivos eu posso já tê-los citados acima na última pergunta, mas em relação a pontos negativos posso me referir à pequena estrutura da cidade, o festival ganhou tamanhas proporções que a graciosa e pequena cidade serrana parece não os comporta mais. Tenho essa sensação.

